

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
20 e 30 de Maio de 2023  
ESCRITORES/REALIZADORES

## UN CHANT D'AMOUR / 1950

*Um filme de Jean Genet*

*Argumento e montagem:* Jean Genet / *Diretor de fotografia (35mm preto & branco):* Jacques Natteau / *Interpretação:* Lucien Sémamaud (*o jovem prisioneiro*), Java (*cuja mão lança as flores*), Coco le Martiniquais (*o prisioneiro negro*) e outros, não identificados.

*Produção:* Niko Papatakis / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, muda, sem intertítulos / *Duração:* 26 minutos, a 24 imagens por segundo / *Primeira apresentação mundial:* Cinemateca Francesa, Paris, 1950; comercializado nos anos 70 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Dezembro de 1993, no âmbito do ciclo "Mary Meerson – o Cinema Como Magia".

\*\*\*\*\*

**Nota:** o genérico do filme só indica o nome de Genet e mais nenhum outro. Não parece haver dúvidas, no entanto, quanto aos nomes indicados na ficha técnica desta "folha", pois foram mencionados pelo produtor do filme, em diversas entrevistas.

\*\*\*\*\*

**O filme passa em duplo programa com VIVA LA MUERTE! (1971), de Fernando Arrabal.**

\*\*\*\*\*

Por volta de 1950, Henri Langlois e Mary Meerson, o mítico casal que durante quarenta anos dirigiu a Cinemateca Francesa, teve a ideia de propor a ilustres artistas, não-cineastas, que fizessem filmes. Foi assim que nasceram três curtas-metragens: uma realizada por Raymond Queneau, apresentada em pequenos círculos à época e que por determinação legal de Queneau só poderá ser visto quando a sua obra cair em domínio público (o que ocorrerá 2046; o negativo está localizado); um segundo filme, realizado por Picasso, que talvez tenha sido visto à época por alguns *happy few* e do qual nada se sabe (talvez uma cópia surja um dia em algum lugar). E **Un Chant d'Amour**, único filme realizado por Jean Genet, então "maldito" mas já consagrado como um dos grandes escritores franceses da sua geração. A primeira apresentação privada, na Cinemateca Francesa, foi memorável, pois algumas funcionárias solteironas supunham que iam ver uma obra pornográfica. Ao fim da projeção, Genet virou-se para Mary Meerson e perguntou: "- Então, é um filme pornográfico? - É um filme sublime sobre a solidão!". Produzido por Niko Papatakis, animador do célebre cabaret La Rose Rouge e futuro realizador (**Les Pâtres du Désordre**, **La Photo**), o filme circulou durante muitos anos em cinematecas e no meio dos colecionadores de cinema, nem sempre em cópias tão completas como a que veremos hoje, tornando-se mítico, pois era ao mesmo tempo célebre e pouco visto. Durante este tempo, circulou o rumor, totalmente falso, segundo o qual Jean Cocteau teria participado de algum modo nas filmagens. Nos anos 70 **Un Chant d'Amour** foi finalmente distribuído comercialmente em França, sendo logo retirado de cartaz por injunção de Genet, que não havia sido consultado por Papatakis e que jamais quis que o filme tivesse uma distribuição comercial, como especificou à época numa carta aberta. Além disso, Genet nunca permitiu que o filme fosse apresentado em festivais de cinema homossexual e apresentá-lo num festival de cinema gay, como tem sido costume (inclusive nesta sala, por duas vezes), é uma traição à sua vontade, uma traição relativamente inofensiva quando se sabe que Niko Papatakis comercializou o filme há vários anos, numa cassete que contém outros "clássicos do cinema gay" (nem só de

arte vive o homem...). Quando se pensa em filmes realizados a partir dos anos 70, que exploram a "iconografia gay" em tudo o que esta pode ter de mais pesado e mais pedestre, percebe-se que esta proibição tinha alguma lógica, não era um gesto inteiramente arbitrário.

**Un Chant d'Amour** articula vários temas relacionados com a obra literária de Genet, sobretudo a peça *Haute Surveillance* e o romance *Le Miracle de la Rose*, também situados no meio carcerário, de que Genet tivera experiência direta. Os prisioneiros estão em celas isoladas porque cometeram crimes de morte, como pode ser constatado pela inscrição *meurtrier* à porta das celas, que o espectador pode associar ao verso célebre de Genet, *le spectre d'un tueur à la lourde braguette*, do poema intitulado precisamente *Un Chant d'Amour*. E como tantas vezes em Genet, em condições de grande miséria física afloram profundas paixões, intangíveis, impossíveis, manifestas no célebre e belíssimo momento em que um prisioneiro passa ao outro o fumo do seu cigarro, através da parede (em *Le Miracle de la Rose*, Genet nota que "*todos fumam na prisão, pois fumar é o único gesto delicado que pode fazer um prisioneiro*"). Neste abraço imaterial, os dois homens comunicam no reino do incomunicável, tocam um corpo intocável, atravessam uma parede, e não apenas em imaginação. E assim é sublimado e transfigurado o onanismo, literal e metafórico, que marca estas relações no cárcere. O guarda, excluído pela sua própria condição de tudo o que pode unir os outros homens, espiona os prisioneiros do mesmo modo que o espectador o faz, pois também o espectador é, literalmente, um *voyeur* neste filme. Nos breves vinte e cinco minutos de **Un Chant d'Amour** a imagem se situa a nada menos de quatro níveis: imagens "realistas" da prisão, imagens puramente poéticas das flores, fantasias sexuais do guarda da prisão e a cena no campo (que, na opinião de alguns, roça pelo *kitsch*, com os seus movimentos em *ralenti*), que tanto pode ser um *flashback* como uma fantasia do prisioneiro. Todos estes níveis são articulados com perfeita lógica, numa narrativa circular, que começa com a chegada do guarda e termina com sua saída e é pontuada pela imagem da flor lançada de uma cela à outra ("*La fleur qui plaisait tant à mon coeur désolé*", Gérard de Nerval) e que termina por ser colhida, numa pequena redenção.

Não foi certamente por falta de meios e menos ainda por artifício estético que Genet realizou um filme mudo. Para muitos, dos quais Genet talvez faça parte, a alma do cinema é muda. "*Música do silêncio*" é uma bela e célebre definição do cinema mudo e se este canto de amor é silencioso é porque num poema como este qualquer diálogo seria redundante, qualquer som seria uma estridência. Apesar de todo o seu desprezo aparente pela cultura, Genet alcança espontaneamente a indizível beleza do cinema mudo. Domina perfeitamente a poética deste cinema, articula tudo através de imagens, conta uma história, glorifica os corpos, mergulha no fetichismo e ascende à redenção afectiva pelo poder das imagens, pela "música" das imagens. E o silêncio confere ao seu filme um ar de ritual e de sonho, uma intensidade, uma pureza, uma interioridade raramente atingidas no cinema.

Antonio Rodrigues